

PARADIGMAS CIENTÍFICOS EM EXPANSÃO

Neuroarquitetura é uma disciplina emergente que hibridiza neurociência e arquitetura para estudar como o entorno construído afeta o cérebro, as emoções, o comportamento e o bem-estar das pessoas.

O objetivo principal consiste em desenhar espaços — vivendas, escritórios, hospitais, escolas, entre outros — que minimizem o stress e potenciem a saúde, produtividade e qualidade de vida, baseando-se na evidência científica acerca da forma com a qual o cérebro responde a estímulos externos.

É sobre isto que trata o artigo inicial desta edição. Nele, o cérebro funciona como uma espécie de laboratório que alavanca o conteúdo, integrando-o aos elementos naturais: luz solar, plantas, água, ventilação usual e materiais orgânicos, sendo todos eles essenciais à arquitetura de hoje em dia. Trata-se da biofilia que reduz os níveis de cortisol e o esgotamento, promovendo uma resposta apaziguadora no sistema nervoso. O uso de luz natural e a regulação da artificial para respeitar os ritmos circadianos — ciclo de luz e escuridão — melhora a saúde física e mental. Formas e geometria espacial provocam emoções positivas, assim como a flexibilidade e o controle do espaço para promover a gestão sinestésica por meio do som, da cor e das texturas. A neuroarquitetura não busca apenas a estética no sentido lato, mas também criar espaços habitáveis que funcionem em harmonia com a biologia humana do ecossistema.

Erotização da cultura, minorias e antropofagia é um artigo que salienta a noção de styling na moda. Refere-se à arte e técnica de selecionar, coordenar e combinar prendas de vestir, acessórios, penteados e maquiagem para criar a imagem, conceito ou estilo singular. Não se trata de vestir alguém, porém de construir uma narrativa visual, potencializando a identidade pessoal ou da marca, e de comunicar uma mensagem através da aparência física. O artigo situa-se na interface ser humano e imagem, que nas palavras de Foucault exalta a construção de subjetividade, poder e conhecimento. Imagem é o dispositivo que regula o olhar, circulando nas relações de poder neoliberal. Já Byung-Chul Han vê nesta relação uma crise profunda. Nela, a imagem deixa de ser objeto de contemplação e se converte em objeto de consumo antropofágico.

A edição traz o artigo, cujo objeto é o MetaDesign. O design do próprio desenho. Ou o design dos processos do design. Performance sistêmica que aborda problemas complexos desta atividade de comunicação visual, destacando a participação colaborativa. Nesta perspectiva, não se trata de desenhar um produto final específico, mas de criar as ferramentas, métodos, linguagens, marco de trabalho — frameworks — e condições que permitam que o design suceda de maneira mais eficiente, criativa e sustentável. Postos-chave do metadesign são: processo reflexivo, design de sistemas, performances, enfoque holístico e aplicações práticas que possibilitam gerenciar a complexidade, especialmente na 'Era da comunicação digital'.

EDITORIAL

A edição fecha com o protagonismo de Bob Cuspe, personagem icônico do cartunista Angeli, uma refração do 'Punk domesticado' de estilo underground e da contracultura brasileira, surgido do contexto político do nosso País.